

ENSINO E APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA: ONDE ENTRA A AVALIAÇÃO?

18

Lúcia Helena Sasseron

- 18.1** Introdução
 - 18.2** Avaliando o ensino e a aprendizagem
 - 18.3** A prática da avaliação da aprendizagem
 - 18.4** Algumas ideias balizadoras para a avaliação da aprendizagem
 - 18.5** Avaliando o ensino
 - 18.6** Avaliando o ensino sob a perspectiva do professor
 - 18.7** A autoavaliação do trabalho docente
 - 18.8** O estabelecimento de objetivos para o ensino
 - 18.9** Para além da avaliação: o uso dos resultados
- Referências

18.1 Introdução

A discussão do que seja ensino e aprendizagem tem perpassado todas as aulas de nossa disciplina. Por vezes, a abordagem é explícita e, em outras, o debate aparece de modo mais tímido. Mas em momento algum desconsideramos o ensino e a aprendizagem nas propostas de atividades, textos e discussões em nosso curso.

Ao longo do bloco 3 **O que se ensina em aula de ciências?** sobretudo na aula 7 **Ensinar, aprender, conceitos, perfis e a sala de aula de ciências**, estas ideias foram colocadas de maneira bastante direta e é possível dizer, a partir dos apontamentos já considerados naquele momento, que ensino e aprendizagem caminham lado a lado na sala de aula, e podemos entender o ensino como as ações destinadas a promover a aprendizagem.

Mas como julgar se foram alcançados os intentos e intuítos para que o ensino gerasse aprendizagem? Como relacionar a aprendizagem obtida com o ensino oferecido?

Podemos responder a questões como esta valendo-nos de estudos teóricos e empíricos do campo da psicologia, sobretudo a psicologia do desenvolvimento em suas vertentes genética e histórico-cultural.

Estudos como estes podem caracterizar-se como análises acadêmicas e pesquisas científicas. Obviamente, têm sua validade e importância, mas, considerando a sala de aula, o espaço escolar e o tempo das aulas, precisamos, a partir dos desenvolvimentos já atingidos por estudiosos da psicologia e da educação, encontrar formas de analisar processos e situações ocorridas no âmbito escolar.

18.2 Avaliando o ensino e a aprendizagem

Avaliar a aprendizagem é tarefa bastante conhecida por professores e alunos. Tradicionalmente, ela congrega provas, atividades e exercícios que atestam sobre o envolvimento dos estudantes com relação ao tema sobre o qual estão respondendo.

Considerando estudos anteriormente abordados ao longo da nossa disciplina e de seu curso, é possível afirmar e defender a necessidade de que as estratégias utilizadas para as avaliações estejam em consonância com os objetivos pleiteados para a educação. Sob esta perspectiva, não apenas a aprendizagem deve ser avaliada, mas também o próprio ensino.

Chegamos, portanto, a um momento em que é necessário refletir sobre uma questão: por que avaliar?

Considerando a definição de avaliação apresentada na aula passada, avaliar é julgar, é colocar em parâmetro ações realizadas e resultados obtidos. Mas também precisamos considerar o que é o objeto, a ação, a situação colocada em investigação. Avaliar é uma ação ou um conjunto de ações que oferecem respostas. Contudo, ter respostas também é algo contextual: uma boa resposta somente pode ser classificada como boa quando está claro a que ela se refere.

O planejamento da avaliação surge não apenas como uma necessidade de que sejam escolhidas estratégias para avaliar, mas, sobretudo, uma reflexão sobre quais estratégias são mais adequadas e condizentes com os objetivos planteados para a situação em avaliação. Em outras palavras, para a realização de avaliação educacional escolar, as estratégias devem ser escolhidas após clareza sobre quais os objetivos que se pretende alcançar com a educação escolar. Isso implica que a própria avaliação está sob avaliação, pois ela estará mais ou menos adequada a uma situação específica, considerando a realidade escolar em que está sendo implementada, devendo sofrer alterações que a tornem mais apropriada àquela realidade.

Com base nestas ideias, encontramos um ponto de inflexão que precisa ser cuidadosamente analisado: tem sido bastante recorrente a avaliação que se pauta em objetivos externos e mais gerais, pouco relacionados a aspectos específicos e locais. Essas avaliações externas, conforme tratadas nas aulas anteriores, podem ter diferentes objetivos e, em sua maioria, estão relacionadas a formas de investigar os resultados da educação oferecida, ensejando possibilidades de oferecer apoio e meios para a melhoria da qualidade, se for o caso.

Ocorre, contudo, um efeito paralelo, repercutindo em aspectos estruturais da educação e em aspectos específicos e contextuais do ensino: avaliando a educação de um modo mais geral e oferecendo ranqueamentos, prejuízos e recompensas conforme os resultados obtidos, muitas dessas avaliações impactam, de modo implícito ou explícito, na configuração curricular. Este efeito paralelo e paradoxal coloca a avaliação não como ferramenta e estratégia para análise, mas como própria balizadora de ferramentas de avaliação.

As relações entre currículo e avaliação devem ser consideradas não apenas para atender a questões externas e necessárias para analisar os produtos gerados e construídos pela educação escolar, pois é preciso ter em conta as relações entre currículo e avaliação para uma imersão em aspectos do processo educativo, para o reconhecimento e a reconsideração, quando necessária, de ações e estratégias didáticas utilizadas em abordagens de temas e conceitos.

18.3 A prática da avaliação da aprendizagem

Temos defendido a educação escolar como um transbordamento da apresentação de conceitos.

A apresentação e a avaliação de conceitos e temas descritos em manuais e livros didáticos constituem um dos objetivos da educação escolar, mas não se esgotam ou se restringem a isso. Na escola, os estudantes têm contato com outras realidades, seja do ponto de vista do seu contato interpessoal, seja do ponto de vista da possibilidade a ele oferecida de conhecer e entender outras culturas e formas de construir conhecimento e entender o mundo que nos cerca; e esses contatos devem estar relacionados também ao uso desses conhecimentos adquiridos na escola para a tomada de decisões e para a análise de situações que estão fora da escola, do mesmo modo que as questões e conhecimentos que vêm de experiências extra escolares impactam na construção de saberes escolares.

De modo mais específico ao ensino de ciências (nosso foco de atenção), o transbordamento dos conceitos e das fronteiras da escola pode ser considerado como o trabalho que oferece aos estudantes o conhecimento de modos de se construir conhecimento em ciências, as influências ocorridas neste processo e o modo como conhecimentos e produtos científicos impactam nossas vidas. Daqui surge a necessidade de que não apenas os conceitos sejam avaliados, mas também a percepção de como esses conceitos estão presentes em nosso dia a dia e de como representam impactos e consequências em nossas ações e para as nossas ações.

Estes apontamentos mostram que a avaliação também precisa, portanto, transbordar a análise dos conceitos aprendidos, congregando possibilidades de ação e estratégias para que os processos de construção desses conceitos e de relações entre conceitos e situações sejam avaliados, bem como o desenvolvimento humano, ético, afetivo que se possibilita quando os conceitos são colocados em pauta.

De modo mais específico, a avaliação da aprendizagem deve ser considerada em toda a sua largueza: a aprendizagem como os processos de interação dos sujeitos com o conhecimento, com os colegas, com o professor, com áreas de conhecimento.

Ao longo dos processos de ensino, a aprendizagem é avaliada individualmente, com vistas a compreender se o que se tentou ensinar foi atingido. Ocorre, no entanto, que os processos de ensino em sala de aula não se caracterizam por intervenções centradas apenas em um aluno, podendo ser, em muitos casos, processos que congregam grupos de alunos ou toda a turma trabalhando e discutindo coletivamente.

Assim, avaliar a aprendizagem em uma perspectiva geral, conciliada e de acordo com os pressupostos de ensino e aprendizagem trabalhados ao longo da nossa disciplina, implica avaliar diferentes momentos do processo de ensino, usando diferentes estratégias e observando diferentes situações do trabalho dos estudantes.

18.4 Algumas ideias balizadoras para a avaliação da aprendizagem

Situações são contextuais e devem ser consideradas com referência a outros conhecimentos e à experiência que já se tem. Isso também é válido quando tratamos de avaliação. Por isso, trazemos abaixo algumas ideias que podem auxiliar a nortear parâmetros e diretrizes para a avaliação da aprendizagem em situações escolares.

Quando o trabalho é realizado em grupo, é necessária a avaliação do envolvimento do aluno com o grupo e com a proposta de ensino. O envolvimento com o grupo permite que sejam avaliados aspectos de relações interpessoais, aspectos conceituais e aspectos procedimentais.

As relações interpessoais ajudam-nos a perceber e analisar características de desenvolvimento ético, moral e social. Para avaliá-las, pode-se lançar mão de questões como:

○○○○○

- O aluno é capaz de ajudar o trabalho do grupo, comprometendo-se verdadeiramente para a realização da atividade, mostrando-se preocupado e consciente de que suas ações são importantes para o trabalho em grupo?
- O aluno é capaz de oferecer oportunidades para que os demais colegas participem da atividade, evidenciando o seu compromisso com os colegas e com a formação deles?

- O aluno demonstra iniciativa, expondo suas ideias e pontos de vista, e fazendo-se escutar no grupo?
 - O aluno respeita os colegas que com ele trabalham, ouvindo a opinião dos demais mesmo que não concorde com o que é dito?
-

○○○○○

Não se espera que todos esses pontos possam ser avaliados em uma atividade, pois eles podem surgir em uma atividade e não em outra, mas é necessário que o professor esteja atento a essas ações dos alunos, analisando o trabalho em grupo e o trabalho de cada aluno ante a sua turma, procurando observar e analisar comportamentos e a evolução dos alunos.

Em outras situações, seja no trabalho em grupo ou em ações individuais, é necessário considerar o envolvimento do aluno e o seu desenvolvimento analisando características e aspectos que prescindem das interações pessoais com os demais colegas. São exemplos de questões que podem nortear esta avaliação:

○○○○○

- O aluno mostra envolvimento com o tema que é proposto?
 - O aluno mostra interesse em buscar novas formas de entender e construir entendimento sobre questões que são apresentadas em sala de aula?
 - O aluno é capaz de explicitar relações entre os conceitos apresentados e trabalhados em situações que extravasam o espaço escolar?
 - O aluno é capaz de emitir opinião sobre os temas em questão?
 - O aluno deixa evidente o seu entendimento sobre os temas discutidos em sala de aula, seja por meio do discurso oral, seja por meio de registros gráficos?
-

○○○○○

Como dissemos anteriormente, estas questões não são listas que devem ser utilizadas como itens a serem conferidos e, com isso, estabelecer um conceito ou julgamento para o estudante; trata-se apenas de algumas ideias que podem auxiliar o professor a avaliar o processo de aprendizagem, de construção de entendimento e explicitação de ideias de um aluno ao longo das aulas. São, portanto, diretrizes, mas não normas, uma vez que é preciso adaptá-las e avaliá-las à luz dos objetivos que o próprio professor tenha planejado para as suas intervenções de ensino.

18.5 Avaliando o ensino

Assim como avaliar a aprendizagem é mais do que verificar quais conceitos apresentados aos alunos foram assimilados, também avaliar o ensino é mais do que apenas verificar como e quais foram os conceitos apresentados e discutidos em sala de aula.

Avaliar o ensino pode ser uma ação vinculada a um olhar atento e geral aos sistemas de ensino, sua infraestrutura, seu pessoal; mas há também a possibilidade de que essa avaliação do ensino ocorra em uma esfera menos ampla, focalizando com mais atenção detalhes, nuances, peculiaridades e particularidades do trabalho docente. É sobre esta segunda forma de avaliar o ensino que centraremos nossa atenção.

Sob essa perspectiva, é o trabalho do professor que está em pauta, e o avaliador pode ser o próprio professor, buscando informações e confrontando dados que permitam analisar ações e situações.

18.6 Avaliando o ensino sob a perspectiva do professor

A avaliação do ensino pelo professor não se enquadra na categoria de mera exposição de informações, como uma prestação de contas sobre o que foi feito: é a avaliação que possibilita a melhoria do ensino, tornando-o mais adequado àquela realidade e aos anseios e necessidades formativas dos estudantes.

Contudo, essa tarefa do próprio sujeito que avalia estar em avaliação não é algo trivial nem, por vezes, fácil de realizar. Exige atenção e cuidado para que aspectos emotivos não representem empecilho ou obstáculo para a leitura de informações e para a tomada de decisões. Em outras palavras, colocar-se na berlinda, sendo, ao mesmo tempo, o avaliador e o avaliado, pode gerar situações de conflito emocional em que os resultados, ainda que racionalmente compreendidos, podem não ser emocionalmente aceitos, interferindo nas decisões futuras e impactando nas ações que visem à melhoria de todo o processo.

Mas quais seriam as estratégias para a avaliação do ensino sob a perspectiva do professor? Seria possível defini-las? Entendemos que sim e estabelecemos um panorama de possibilidades.

Entendemos que sim e estabelecemos um panorama de possibilidades.

Ela pode ser percebida como o processo de considerar as ações realizadas, buscando compreendê-las, e analisar seus resultados. Em síntese, trata-se de um processo de avaliação, pois além de se referir ao que foi realizado ou planejado, relaciona-se à emissão de julgamento.

18.7 A autoavaliação do trabalho docente

A autoavaliação do trabalho docente toma como referência os objetivos planejados e os resultados obtidos. Essa análise, na medida do possível, deve tornar-se isenta de aspectos pessoais, atribuindo a uma pessoa ou outra a responsabilidade pelo êxito ou pela falta dele. Essa atribuição imediata de responsabilidade pode impedir que outros aspectos sejam considerados.

De modo mais claro, avaliar que uma atividade levada para a sala de aula não atingiu os objetivos esperados porque um grupo de alunos não demonstrou motivação não permite avaliar as razões que podem estar por trás desse interesse e que, portanto, pode levar ao insucesso de uma nova implementação da mesma atividade ou de uma proposta similar. As causas para o insucesso, nesse exemplo, podem estar na apresentação da proposta, que não foi suficientemente clara para que os alunos pudessem compreender o que deveria ser feito; ou ainda se deveriam ao fato de que o fenômeno e a sua investigação pudessem ser demasiado triviais ou demasiado complexos para a turma em questão.

Assim, a autoavaliação do trabalho docente não é apenas um mergulho em suas ações, mas a consideração do trabalho, relacionando-o com os estudantes. As causas, os efeitos e os resultados devem ser buscados em informações provenientes do próprio material organizado e das interações realizadas. É preciso que a análise possa ser de tal modo significativa que alimente as ações futuras, tanto no que diz respeito ao que foi exitoso quanto ao que foi inadequado.

A avaliação do trabalho dos alunos pode ser também uma boa forma de ajudar na autoavaliação, pois, ao longo da interação com os estudantes, o professor pode estar atento às suas próprias ações, identificando o que tem realizado e como essas ações permitem o trabalho e o desenvolvimento dos estudantes na relação com os temas em discussão e os conceitos a ser aprendidos.

18.8 O estabelecimento de objetivos para o ensino

Ainda que o estabelecimento dos objetivos para o ensino ocorra antes mesmo do contato com os alunos, eles definem estratégias e métodos de ação e, portanto, orientam todo o trabalho. Defini-los é, nesse sentido, um processo que envolve a avaliação, e sua definição baliza avaliações ao longo do processo.

Sob essa perspectiva, o estabelecimento de objetivos é um processo contínuo e, ao mesmo tempo, uma referência para a avaliação, estando em voga todos os momentos e possibilitando não apenas a avaliação, mas impactando também as ações atuais e futuras.

São características como essas que permitem ter o estabelecimento de objetivos como inerente ao processo de avaliação e, assim, tem papel central no bom desenvolvimento da avaliação.

18.9 Para além da avaliação: o uso dos resultados

Muitas vezes, é difícil perceber quando se inicia e quando se finda uma avaliação do ensino, pois trata-se de um processo contínuo, desenvolvido e desenvolvendo-se ao longo de todo o período em que o ensino é planejado e implementado, no contato com os alunos, com documentos oficiais e reguladores do ensino, no contato com os colegas que atuam e com os quais definem estratégias e planos de ação.

Contudo, é possível estabelecer formas de utilizar os resultados visando à melhoria mais perene do ensino oferecido em uma escola. Para tanto, surge a necessidade de que não apenas os professores estejam envolvidos com a avaliação do ensino, mas também o corpo administrativo da escola e a comunidade de pais e alunos.

Trata-se de organizar possibilidades para esse diálogo constante entre os atores da sala de aula – alunos e professores – e as demais pessoas que se interessam e se preocupam com o que a escola oferece em termos de condições para a formação geral de seus alunos e também de seus funcionários.

Referências

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SORDI, M. R. L.; LUDKE, M. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, v. 14, p. 313-336, 2009.



Agora é sua vez...

Finalizada a leitura do texto, realize as atividades on-line propostas para esta aula.
Bons estudos!